

Percepção e Projecção na Prova de Rorschach

Contributos para uma reflexão crítica sobre o modelo de Exner (*)

VICTOR MOITA (**)

I

O tema sobre o qual me proponho reflectir convosco – a dimensão perceptivo-cognitiva na Prova Rorschach – pareceu-me interessante por estar na base da compreensão daquilo que é o processo projectivo e a natureza dos dados recolhidos pelo conjunto das provas de avaliação psicológica que o desencadeiam.

Por outro lado, como lidar com a metodologia projectiva e com as suas diferentes técnicas, enquanto instrumentos de pensamento científico e de intervenção em psicologia – operacionalizados a partir de dispositivos basicamente perceptivos – sem nos questionarmos, permanentemente, sobre a natureza dos fenómenos assim produ-

zidos e sobre os processos que lhes estão subjacentes?

Impõe-se uma reflexão sempre crítica sobre o que fazemos, sobre os conceitos e sobre os sistemas teóricos, sobre as metodologias e sobre as técnicas que lhes dão expressão, procurando compatibilizar os nossos discursos explicativos uns com os outros, em psicologia, e com os discursos explicativos dos ramos da ciência que lhes são convergentes.

É, pois, *teoria*, aquilo que vou procurar fazer convosco, *teoria do processo Rorschach* e do *processo projectivo*.

Quando me proponho repensar teoricamente o *processo Rorschach*, num primeiro momento, assalta-me a sensação de tudo já ter sido dito e redito! De tudo já ter sido explicado! Para quê, voltar a discorrer sobre as características perceptivas do estímulo na *situação Rorschach*, ou sobre o conceito de *apercepção*, ou sobre as ligações entre os conceitos de *percepção* e *projecção*?

Num segundo momento, sobretudo quando pretendo reflectir sobre o *processo Rorschach* a partir das mais recentes propostas teóricas de explicação, quer da psicologia em geral, quer do método Rorschach em particular, assalta-me a

(*) Este artigo foi adaptado do texto da Conferência de abertura do programa científico do VIII Congresso Latino-Americano de Rorschach e outras Técnicas Projectivas, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil, 29 de Julho a 2 de Agosto de 1992, feita a convite da respectiva Comissão Organizadora.

(**) Doutoramento em Psicologia pela Universidade de Paris V (Sorbonne), Professor Auxiliar Convitado na Universidade do Porto, sócio fundador e Presidente da Sociedade Portuguesa de Rorschach e Métodos Projectivos.

sensação de estar ainda muita coisa por esclarecer, ou pelo menos esquecida!

II

Numa recente comunicação (Junho/92), na Universidade de Lisboa, o Professor John Exner pôs em causa a natureza *projectiva* da Prova Rorschach, referindo-se-lhe como

«uma prova puramente perceptiva» ou, «quanto muito, um teste de tomada de decisão ou de resolução de problemas»¹.

Todos conhecemos a excelência dos trabalhos do Professor Exner e a sua autoridade científica nesta matéria, para ficarmos indiferentes a esta formulação mais radical da sua tese de sempre² que, a comprovar-se, alterará significativamente as bases teóricas do *processo Rorschach* e os fundamentos da teoria do método *projectivo*, pelo menos no que se refere às *técnicas de manchas*.

Citarei de cor a tese e os argumentos de Exner, a partir da sua recente comunicação em Lisboa.

Em favor da sua afirmação de que o *Psicodiagnóstico de Rorschach* não é um teste *projectivo*, mas apenas um teste *perceptivo* ou, quanto muito, um teste de capacidade de decisão ou de resolução de problemas, aduz os seguintes argumentos:

1. Pode elaborar-se uma *listagem exhaustiva das respostas* possíveis a qualquer cartão Rorschach.

Exner afirma, por exemplo, *conhecer* a partir de um levantamento já feito por ele e pelos seus colaboradores, *todas as respostas possíveis ao cartão I*.³

Se foi possível identificar todas as respostas viáveis para o cartão I, *também será possível fazer o mesmo em relação a cada um dos restantes cartões*, bem como, teoricamente – acrescen-

tarei – em relação a qualquer mancha de tinta com as mesmas características e nas mesmas condições.

2. Se o universo das respostas viáveis na Prova Rorschach é previamente determinável, então não é exacta a afirmação de que *não há respostas certas nem erradas em relação a cada um dos cartões que fazem parte da prova*.

As respostas certas serão aquelas que constarão da listagem de respostas viáveis, identificadas empiricamente em relação a cada um dos cartões.

3. Se há respostas certas na Prova Rorschach, então é porque o *estímulo não é ambíguo*, sendo em si mesmo portador de características geradoras de sentido.

Nestas circunstâncias, a *tarefa solicitada ao sujeito*, na Prova Rorschach, *não será a de dar sentido, mas a de descobrir o sentido do estímulo*, isto é, a de identificar ou atribuir à mancha uma ou mais das configurações predetermináveis em função da sua estrutura perceptiva.

A situação-estímulo Rorschach deverá, assim, ser descrita em termos de a *problem-solving situation* (situação de resolução de problemas), enquanto que a tarefa do sujeito deverá ser descrita *as a problem-solving task* (prova de resolução de problemas).

4. Dada a natureza visuo-sensorial do estímulo, a descoberta do seu sentido inscreve-se, obviamente, no domínio da percepção visual e dos processos psicológicos subjacentes à representação figurativa.

Segundo Exner, não será difícil demonstrar, recorrendo ao método experimental, a *natureza estruturalmente figurativa* – e portanto não ambígua – das manchas Rorschach, observando, nas respostas dos sujeitos, as suas alterações de sentido, subsequentes às modificações intencionais e sistemáticas que são introduzidas no estímulo, pelo experimentador.

III

Equacionado nestes termos, segundo Exner, o processo de elaboração da resposta no Rorschach tem pouco ou nada de *projectivo* e, pelo contrá-

rio, terá tudo ou quase tudo de *perceptivo-cognitivo e adaptativo*.

De facto se, dada a natureza estruturalmente figurativa dos estímulos, o universo das respostas ou configurações possíveis (viáveis) para cada mancha é limitado e exaustivamente identificável, então, parece estar retirada da tarefa solicitada ao sujeito em situação de prova, a *possibilidade de se projectar*, dada a *ausência de ambiguidade* da situação de teste, quer de um ponto de vista estrutural-figurativo – isto é, a identificação, reconhecimento ou atribuição de uma imagem real ou imaginária a um percepto – quer de um ponto de vista semântico: a identificação, reconhecimento ou atribuição de um sentido (significado) a um ícone ou figura.

Reconheceremos, certamente, no conjunto desta argumentação e nas ilacções subsequentes, as posições que o Professor John Exner explanou detalhadamente no seu livro *The Rorschach: A Comprehensive System*. Volume 1: Basic Foundations (Exner, 1986).

Não serão, portanto, propriamente novas as posições teóricas sobre o *processo da resposta no Rorschach* explicitadas na sua recente conferência, em Lisboa.⁴

Estarão talvez equacionadas de uma forma mais radical. Merecem, no entanto, uma cuidada atenção de todos nós que lidamos com a metodologia *projectiva*!

Elas têm atrás de si um muito longo, árduo e sério trabalho de reflexão e de pesquisa sistemáticas, realizado pelo autor e por uma vasta e conceituada equipa de investigadores, por ele dinamizada e orientada.

Este trabalho que terá começado, de forma mais consistente, na década de sessenta, deu os seus primeiros frutos visíveis, no início dos anos setenta, com a publicação (1974) da primeira edição do seu livro, e não deixou, até hoje, de nos fornecer elementos para uma mais eficaz compreensão do método *projectivo*, mesmo quando nem todos esses elementos serão isentos de polémica!

⁴ Devemos notar que estas posições foram explicitadas logo na primeira edição da obra, em 1974.

IV

Chegados que somos a um ponto em que os resultados do Professor Exner parecem deitar por terra todo ou quase todo o edifício teórico, até agora construído, sobre o *processo Rorschach*, impõe-se – quanto mais não seja, por uma questão de método – que nos coloquemos algumas questões que facilitem uma reflexão crítica sobre as suas propostas.

De que *Rorschach* falamos, o Professor Exner e cada um de nós? De que *percepção*? De que *cognição*? De que *projectão*?

No contexto de uma ciência tão jovem como a Psicologia, e de uma metodologia específica de recolha de dados que ainda há dias nasceu – pese embora a respeitabilidade dos seus 71 anos⁵, e dos milhares de páginas sobre ela escritas – seria difícil que estivéssemos a falar da mesma coisa!

É que, também aqui, se faz sentir a *tiranía do sentido* e da *dimensão semântica* de tudo quanto é *interacção* e *comunicação*, tal como no *processo Rorschach*.

A leitura que Exner faz da contextualização histórica do aparecimento da Prova Rorschach e da respectiva monografia revela, desde logo, a intenção de valorizar uma perspectiva *psicométrica* no desenvolvimento do método, contrapondo-a ao estudo sistemático da sua dimensão *projectiva*.

Analisemos de mais perto as posições de Exner quanto à *natureza do Rorschach*, nomeadamente em relação à sua *teoria geral do método* e ao *processo de elaboração da resposta*.

V

Não será por acaso que, para contextualizar historicamente o nascimento do Psicodiagnóstico de Rorschach, Exner omite ou desvaloriza alguns dados da biografia daquele autor, que poderiam lançar suspeitas sobre as ligações deste a correntes do pensamento científico da época que o próprio Exner desvaloriza, por não coincidirem com as suas opções teóricas.

⁵ A primeira edição do manuscrito de Rorschach foi feita em Berna, em Junho de 1921: Rorschach, H. (1921). *Psychodiagnostik*. Bern: Bircher (tradução: Hans Huber Verlag, 1942).

¹ «The Rorschach as a problem-solving task».

² Vide nota 4.

³ Cerca de 600 (não me recordo do número exacto indicado por Exner).

É certo que não se esquece de referir (Exner, 1986) a importância do «respeitado psicanalista» Emil Oberholzer na divulgação do método e no treino de eminentes rorschachistas como David Levy – que o importou para os Estados Unidos da América (1926) – Samuel J. Beck, Bruno Klopfer e Zygmund Piotrowski, bem como às ligações de alguns deles com Carl Jung.

Em contrapartida, não se refere ao interesse de Hermann Rorschach pelo estudo das origens das seitas religiosas suíças, nem ao seu interesse pela literatura e artes russas (Pichot, 1984).

Também não valoriza o facto de Carl-Gustav Jung, ter sido assistente de Bleuler e de, juntamente com este, ter inspirado a formação e os trabalhos de investigação de Rorschach (Pichot, 1984).

Omite igualmente facto de Hermann Rorschach, juntamente com Zulliger, Behn-Eschenburger, Oberholzer, Biswanger, entre outros, ter fundado a Sociedade de Psicanálise de Zurique, da qual foi o primeiro Vice-Presidente (Pichot, 1984).

Terá sido, aliás, a partir da actividade desta Sociedade que o *Psicodiagnóstico* de Rorschach começou a penetrar nos meios científicos da época, quando, em 1922, o seu autor apresentou uma comunicação em que, a partir da sua técnica, fazia um diagnóstico às cegas, coincidente com o diagnóstico clínico feito por Oberholzer a um seu paciente.

VI

Torna-se igualmente muito evidente, na leitura que Exner faz da monografia de Hermann Rorschach, esta atitude psicométrica e anti-projectiva, procurando salientar a ideia de que *este ponto de vista é o único que legitimamente decorre das posições relatadas pelo autor do método*, quando este se refere à natureza dos processos psicológicos desencadeados no sujeito em situação de prova.

A este respeito, Exner faz questão de salientar:

«Na sua experimentação, Rorschach (1921) concentrou-se nos valores das frequências para desenvolver um psicograma.

«Ele observou que, “ocasionalmente”, o con-

teúdo das respostas pode fornecer alguma informação acerca das características do sujeito, mas expressou o seu cepticismo quanto à ideia de isso ter um valor relevante no método, insistindo no facto de que a tarefa requeria mais uma adaptação do que o desencadear uma torrente de associações (pp. 122-123). Passaram cerca de duas décadas antes que a noção de projecção fosse aplicada ao método Rorschach.» (Exner, 1986, p. 15).

Depreende-se destas afirmações que Hermann Rorschach teria feito, entre outras, as seguintes conceptualizações imprescindíveis à caracterização do seu método:

(1) A imprescindibilidade da recolha de dados frequenciais para a elaboração de um perfil quantitativo do funcionamento psicológico do sujeito;

(2) O processo psicológico subjacente à elaboração das respostas é essencialmente adaptativo (leia-se: perceptivo) e pouco ou nada associativo (leia-se: projectivo);

(3) O desprezo pelo valor diagnóstico do conteúdo das respostas;

(4) O processo associativo e o conteúdo – dimensão projectiva do processo de elaboração da resposta – opõe-se à sua dimensão perceptiva, isto é, de adaptação à situação-estímulo.

Saliente-se ainda a ênfase que Exner põe no facto de só muito tardiamente se ter aplicado a noção de projecção à Técnica de Rorschach.

VII

Todos estaremos de acordo quanto ao facto de que a recolha de dados frequenciais e o seu tratamento quantitativo podem ser procedimentos imprescindíveis ao controlo de variáveis numa grande maioria de situações experimentais.

Naturalmente, o tipo de experiências que Rorschach desencadeou com as manchas de tinta, enquadram-se dentro desta categoria de situações.

No entanto, não se pode concluir que, da parte do autor do *Psicodiagnóstico*, esses procedimentos estivessem ligados a uma perspectiva

teórica psicométrica aplicável à globalidade do processo de elaboração da resposta.

Aliás, todos conhecemos os problemas teóricos e técnicos que se colocam ao tratamento quantitativo, de modelo psicométrico, aplicado aos dados Rorschach.

VIII

Quanto à noção de projecção subjacente aos trabalhos experimentais de Rorschach, é evidente que não poderia ser outra se não a que estava implicada nas teorias associacionistas de Bleuler e Carl Jung e que nem sequer eram designadas como tal.

É sabido – e Exner (1986, p. 15) refere-se detalhadamente a isso – que a noção de projecção aplicável às situações de avaliação psicológica só começou a ser teorizada a partir de meados dos anos trinta, a quando do aparecimento do T.A.T (Morgan & Murray, 1935), e das teorizações de Murray (1938) e Frank (1939).

Não faz pois qualquer sentido considerar *tardia* a aplicação da noção de *projecção* ao método Rorschach, quando, historicamente, isso ocorreu na mesma altura em que foi aplicada a outras provas de avaliação psicológica de características idênticas.

IX

Aliás, a maioria dos teóricos actuais do processo projectivo consideram a noção de projecção dos citados autores – a que Exner constantemente se reporta nos seus trabalhos – como muito insuficiente e desactualizada.

Todos conhecemos o sentido que estes autores dão à noção de *projecção*, pelo que me limitarei a reter do texto de Exner (1986, p. 15) apenas os seus elementos essenciais:

(1) «(...) O conceito de projecção de Murray (1938) foi formulado simplesmente como a tendência das pessoas para serem influenciadas pelas suas necessidades, interesses e pelo conjunto da sua organização psicológica

na transformação ou na interpretação cognitiva de inputs perceptivos desde que a área estímulo inclua alguma ambiguidade»; (2) «(...) Enquanto Freud (1894, 1896, 1911) descreveu o processo como uma operação defensiva, Murray (1938) descreveu-o como um processo mais natural, em que a defesa, enquanto tal, pode ou não ser relevante.»

Regista-se nestas citações a preservação dos elementos fundamentais do que poderemos considerar uma teoria actualizada do processo projectivo:

1 - A *ambiguidade* da situação-estímulo

2 - A natureza *perceptiva* do input

3 - A natureza *cognitiva* da tarefa solicitada ao sujeito

4 - O envolvimento da *personalidade global* do sujeito no processo subjacente à tarefa solicitada.

Onde estará então, a insuficiência da perspectiva de Murray e de Frank, e bem assim a de Exner, na definição do *processo projectivo*?

Em Murray e nos seus seguidores, a insuficiência consistiu no facto de terem centrado a sua teoria e a sua prática nas questões de *conteúdo*, descurando ou desvalorizando a *forma* ou o *processo* na situação projectiva. Esta atitude era, aliás, condizente com as práticas psicanalíticas da época que tão criticadas são por Exner.⁶

A insuficiência das posições de Murray, foi brilhantemente posta em evidência pelos trabalhos da *escola americana* de Rapaport, Holt e Schafer, dinamizados por Rapaport, nos anos cinquenta e sessenta, na Universidade de Kansas e incentivados por Karl Menninger.

Estes trabalhos são citados e superficialmente comentados por Exner (1986), sem que o seu conteúdo seja claramente explicitado, uma vez que não se enquadra, visivelmente, na perspectiva teórica por ele seguida, diametralmente

⁶ «(...) Muitas das críticas feitas ao Rorschach, e aos métodos projectivos em geral, eram igualmente críticas dirigidas à teoria psicanalítica e frequentemente ingenuamente ligadas. Partia-se do pressuposto errado de que o processo da projecção, tal como fora formulado por Murray, estava directamente relacionado com os processos inconscientes tal como são definidos no conceito freudiano.» (Exner, 1986, p. 17).

oposta à perspectiva psicodinâmica de orientação psicanalítica perfilhada pelos seus autores.⁷

Esta corrente, que assumiu uma forma estruturada na chamada escola psicanalítica de Hartmann – também designada por *Ego-Psychology* – influenciou de forma determinante as posições teóricas da *escola projectiva de Paris*, liderada por eminentes teóricos e práticos da metodologia projectiva, como Nina Raush de Traubenberg e Vica Shentoub.

Todos estaremos igualmente de acordo quanto ao facto de que, actualmente, quando nos referimos às noções de *projectão* e de *processo projectivo*, no contexto da metodologia projectiva em geral e do Rorschach em particular, não nos

⁷ «(...) Rapaport estava bastante dentro da disputa entre Beck e Klopfer e era-lhe difícil evitar tomar partido por uma das partes. A abordagem do Rorschach que finalmente escolheu é semelhante à de Klopfer em alguns aspectos, ainda que bastante diferente de Klopfer e muito mais influenciada pela sua fidelidade às propostas psicanalíticas. Os dois volumes [Rapaport, D., Gill, M. & Schafer, R. (1946). *Diagnostic Psychological Testing*, Vol. 1, 2. Chicago: Yearbook Publishers] estavam repletos de tabelas e gráficos que ilustravam os dados, mas as conclusões ignoravam muitas vezes os dados, ou iam para além deles, reflectindo muito da lógica de Rapaport acerca da psicologia da pessoa. Se os grupos de Rapaport e de Klopfer tivessem unido os seus esforços para desenvolver o teste, o resultado teria sido muito mais notável e finalmente influenciador do uso do Rorschach; e algumas das tendências de Rapaport para se desviar marcadamente da metodologia básica do Rorschach teriam sido frustradas. Mas isto não aconteceu e, em 1946, as sementes de uma quinta abordagem do teste seriam firmemente lançadas em vias incompatíveis com cada uma das outras quatro abordagens. A seguir à publicação dos dois volumes, Rapaport deixou a avaliação psicológica e regressou ao seu primeiro amor, desenvolvendo um modelo mais detalhado acerca do funcionamento do ego. Apesar de tudo, o sistema que ele desenvolveu foi influenciar muitos utilizadores do Rorschach e foi mais uma vez assinalado por um trabalho clássico de Roy Schafer, publicado em 1954. Este livro, *Psychoanalytic Interpretation in Rorschach Testing*, não só acrescentou consideravelmente o modelo básico Rorschach criado por Rapaport, mas também representa um marco na utilização da análise de conteúdo que conduziu a uma larga revisão da dinâmica da personalidade. De facto, o que Rapaport começou, Schafer desenvolveu enormemente» (Exner, 1986, p. 14).

estamos a referir apenas, nem fundamentalmente, aos *conteúdos* da *projectão*, nem ao *processo associativo* da *projectão*.

Ambos os conceitos poderão ou não fazer parte do *processo projectivo*, podendo eventualmente constituir-se, num plano metodológico, como seus *analísadores*.

Está, no entanto, fora de questão, na teoria geral do método projectivo, pensar-se que *conteúdo* e *processo associativo conceptual* esgotem o conceito de *processo projectivo*.

No protocolo Rorschach, o *bloqueio do processo associativo*, expresso na *recusa* da resposta, nos *tempos de latência elevados* ou nos *silêncios prolongados perante estímulos de configuração perceptiva simples ou banal*, são formas de expressão do processo projectivo.

X

Exner, por sua vez, prolonga nos seus trabalhos a insuficiência do conceito de *projectão* de Murray, adoptando a ideia de que o *processo perceptivo-cognitivo se opõe ao processo projectivo*. Sendo que o primeiro – o processo perceptivo-cognitivo – é sempre consciente e adaptativo, e o segundo – o processo projectivo – é sempre inconsciente e disruptivo ou patológico.

Exner pretende fundamentar esta sua ideia nas concepções que Hermann Rorschach teria do seu próprio método.

Segundo Exner (1986, p. 27), Rorschach teria postulado que:

«(...) as respostas são formadas através de uma integração de traços da memória com as sensações criadas pela figura-estímulo. (...) Esta integração, ou esforço para fazer corresponder as sensações do estímulo com os engramas existentes, é uma operação *realizada conscientemente*.»

E Exner (ibidem) esclarece o que pensa ser a ideia de Hermann Rorschach, escrevendo:

«(...) Por outras palavras, o sujeito tem conhecimento de que a mancha não é idêntica aos objectos armazenados na memória. Consequentemente, o método requer uma voluntariedade por parte do sujeito para identificar a mancha, ou parte da mancha, como sendo

qualquer coisa que não é, mas que tem com ela alguma semelhança. Ele descreve isto como um processo associativo. Postula que existem “*casos extremos*” quanto à habilidade para assimilar ou integrar a sensação-estímulo com os engramas existentes. Ele pensa que as diferenças nos casos extremos são a principal causa da grande diversidade das respostas que ocorrem. Ele rejeita, com esta premissa, a noção de que elementos inconscientes possam influenciar a formação da resposta.»

Continuando a referir-se ao conceito que Hermann Rorschach teria do seu método, Exner (ibidem) escreve:

«(...) Ele também argumentou, muito persuasivamente, que a imaginação tinha pouco ou nada a ver com o processo básico do teste, mas que se poderia manifestar nos embelezamentos da resposta. Ele sente que isto reflecte a qualidade criativa da imaginação.»

A forma como Exner cita a monografia de Hermann Rorschach, num esforço para identificar a ideia original do autor, com as suas próprias ideias acerca do processo da resposta, merecem alguns comentários

XI

Sobressai, desde logo, a insuficiência das explicações aduzidas pelo próprio Rorschach, que, sendo embora geniais e pertinentes à luz das preocupações e conhecimentos científicos da sua época, não o são à luz das nossas preocupações e conhecimentos actuais.

Esclareçamos este aspecto, centrando-nos na teoria da percepção que lhe está subjacente.

De facto, Hermann Rorschach pretende explicar o *complexo acto cognitivo* que está na base de qualquer *verbalização com sentido*, detendo-se apenas na explicação daquilo que é a *percepção*.

No tempo de Hermann Rorschach, talvez a questão ainda não se pusesse com tanta acuidade, mas hoje todos sabemos que, na psicologia da percepção e da imagem, *percepcionar* e *ver* não são a mesma coisa.

Perceber ou percepcionar pode, de facto de-

finir-se apenas como uma *organização psicofisiológica das sensações* e a função perceptiva, definida nestes termos, será suficiente para permitir ao sujeito *reconhecer* a estrutura ou a organização de uma situação estímulo, incluindo a imagem, desde que ela pré-exista ao acto perceptivo como característica do próprio estímulo.

Sendo uma função altamente complexa, a percepção parece estar suficientemente esclarecida no âmbito das ciências psicológicas, da imagem e da cognição.

Mas no *processo projectivo*, a questão não é *perceber* ou *percepcionar*, mas *ver*, isto é, *criar uma imagem*, *criar uma estrutura*, *dar uma organização que não está lá*, na situação-estímulo, e que não pode, por isso mesmo depender de uma função que apenas permite um *acto de reconhecimento*.

Apesar do carácter assertivo e peremptório que lhe é atribuído por Exner, Hermann Rorschach não deixou de pressentir a insuficiência das suas explicações.

Assim se explica a sua relutância em fazer afirmações definitivas acerca da natureza do seu experimento, argumentando com a insuficiência de dados recolhidos.

Ele começou, naturalmente, por identificar aquilo que é mais simples, básico e evidente no *processo projectivo* que é justamente a sua *dimensão perceptiva consciente*. Todos os experimentadores rigorosos começam por aqui!

Não consta, no entanto, que ele se tivesse pronunciado de forma definitiva acerca da dimensão perceptiva inconsciente, nem da dimensão conceptual, necessariamente inerentes ao seu método.

Tendo em conta a evidente intuição e perspicácia de Hermann Rorschach, não posso concordar com Exner (1986, p. 28), quando afirma que se o autor do *Psicodiagnóstico* tivesse vivido o suficiente, teria

«(...) negado que os conceitos representassem a componente mais importante no processo da resposta».

Que os conceitos não fossem a componente mais importante no processo da resposta seria, seguramente, uma posição tão aceitável para Hermann Rorschach, como a posição de terem uma importância igual à dos outros elementos imprescindíveis à elaboração da resposta, no-

meadamente o reconhecimento/percepção das estruturas figurativas inerentes à situação-estímulo.

Na época actual, em que os especialistas da imagem, da cognição e da linguagem – psicólogos e outros – não se preocupam tanto – por estarem suficientemente esclarecidos – com o processo de *reconhecimento/percepção* das imagens e dos sons, mas muito mais com o processo da sua *formação/criação* e da sua *ligação à formação dos conceitos e da palavra*, duvido que o genial criador da *Prova Psicológica das Manchas* não tivesse uma palavra a dizer sobre o assunto.

Atribuo, por isso, ao seu espírito de rigor científico, algumas das insuficiências que surgem nas afirmações que faz sobre o *processo perceptivo*, sobre a *expressão dos afectos*, sobre o *conteúdo* e a *verbalização* das respostas, sobre a *adaptação*, sobre o *processo associativo conceptual*, sobre a *criatividade*, sobre o *normal* e o *patológico*.

Pois não é certo que, finalmente, Hermann Rorschach não viveu o tempo necessário para recolher elementos e teorizar suficientemente sobre a sua *peculiar experiência com manchas de tinta*?!

XII

Para tentarmos compreender melhor as posições de Exner quanto à *ausência de projecção* no processo da resposta Rorschach, é conveniente centrarmo-nos, com algum cuidado, na sua argumentação mais pertinente.

Seguirei de perto a descrição e os comentários feitos pelo autor (Exner 1986, p. 34) a este respeito.

Centrando-se sobre os factores que intervêm no processo da resposta no Rorschach, Exner refere, entre outros, *A Classificação do Estímulo e/ou das suas Partes*.

Vejamos o que nos diz o autor (Exner, 1986, pp. 36-37):

«Parece muito provável, a partir da informação referente à percepção, que, uma vez produzido o *input*, este é codificado e desaparece [da consciência do sujeito] em forma de memória de curta-duração, começando então

o processo de classificação. Os dados da memória de longa-duração são usados, como base de comparação para classificar, ou alterar a identificação da área-estímulo ou das suas partes. Por alguns instantes, a área no seu todo, ou algumas das suas partes, não pode ser classificada devido à sua aparente ambiguidade para o sujeito. Mas quase todos os sujeitos, com a excepção provável dos que sofrem de *deficits* severos de natureza intelectual ou neurológica, classificarão alguns elementos na área-estímulo como sendo suficientemente próximos de um objecto conhecido ou imaginado para criarem respostas potenciais.

«Parece evidente que algumas partes da área-estímulo têm muito mais semelhança com objectos reais ou imaginados do que outras. Deste modo são mais fáceis de classificar ou de ser alterada a sua identificação. Consequentemente, algumas manchas globais ou áreas de manchas têm uma maior probabilidade de serem incluídas entre as respostas realmente dadas quando os processos de ordenação e exclusão ficarem completos.»

Para justificar estas suas afirmações – aliás, sobejamente conhecidas dos rorschachistas – Exner refere vários exemplos que têm a ver com as leis perceptivas da similaridade, da boa-forma, da congruência perceptiva, do contorno e da percepção da cor e sua influência na identificação perceptiva.

Meramente a título ilustrativo de alguma argumentação de Exner, em favor da não projectividade do processo da resposta Rorschach, evocarei aqui o exemplo – igualmente escolhido por ele para ilustrar a sua tese na conferência de Lisboa – e que tem a ver com a alteração experimental da mancha do cartão I do Rorschach.

Sigamos o texto que Exner (1986, p. 37) escreveu no seu livro.

«(...) Existem igualmente algumas características das manchas que são críticas para a formação de uma resposta potencial – são bocados ou partes das manchas que têm uma alta valência de pertença a uma particular classe de objectos. A coloração do Cartão I e os contornos de uma relativamente pequena área da mancha são uma boa ilustração disto. A resposta mais frequentemente dada no

cartão I, usando a globalidade da mancha, é morcego. Cerca de 60% da totalidade dos sujeitos, psiquiátricos e não-psiquiátricos, identificam o cartão I como morcego. Exner (1959) demonstrou que se a coloração acromática for modificada para uma coloração cromática, mantendo constantes todas as outras características (tamanho, esbatimento [textura], a frequência da resposta morcego é marcadamente reduzida. De facto, algumas cores cromáticas, como o amarelo e o azul, eliminam completamente a resposta morcego. Isto pode fazer-nos conjecturar que a coloração acromática da mancha é uma porção do estímulo que é muito importante para a classificação ou alteração da identificação [misidentification] da área-estímulo como morcego.»

E Exner (1986, p. 37) continua:

«(...) Existem as projecções *Dd 34* que prolongam o topo da mancha para ambos os lados. Exner e Martin (1981) usaram a técnica fotográfica para eliminarem estas áreas e administraram o teste completo, com o cartão um modificado, a 30 sujeitos voluntários saudáveis adultos. Nem uma resposta morcego foi dada pelo grupo e, de facto, a frequência das respostas borboleta, traça e pássaro caiu, em todas, para próximo do zero. Obviamente, estas projecções desempenham um papel importante na classificação da mancha como um objecto voador.»

Naturalmente, não seria de esperar que as leis da percepção – quando de factores perceptivos se trata – funcionassem de forma diferente no processo de elaboração da resposta Rorschach. Há muito que se sabe que *o todo não é igual à soma das partes* e é certo que, alterando uma parte de um estímulo perceptivo, é todo o estímulo que se altera! Será algo de extraordinário esperar que os sujeitos respondam de forma diferente a um estímulo que se tornou diferente também?!

As leis da *Gestalt* e da Psicologia da Forma aplicam-se – no registo normativo – ao *processo Rorschach*.

Será, portanto, neste contexto que deveremos interpretar os resultados das experiências feitas com a manipulação das características ditas

objectivas do material-estímulo e da situação no Rorschach, referidas por Exner no seu livro (Exner, 1986, pp. 34-53).

XIII

Resumiremos, finalmente, com as próprias palavras do autor (Exner, 1986, p. 29), o essencial da sua teorização sobre o *processo da resposta Rorschach*:

«(...) Com efeito, a natureza da situação-teste força o sujeito a converter a mancha em qualquer coisa que ela não é. É criada uma *situação de resolução de problema (a problem-solving situation)* que requer alguma violação da realidade. Ao mesmo tempo o sujeito permanece preocupado com a sua integridade pessoal. Deste modo, a necessidade de *identificar erradamente* o estímulo provoca a entrada em acção de um complexo conjunto de operações psicológicas que culmina, finalmente, numa decisão e na emissão das respostas.»

Equacionada nos termos em que o faz, a teoria do *processo Rorschach* de Exner situa a prova no domínio dos testes perceptivo-cognitivos, valorizando-a predominantemente – se não exclusivamente – como dispositivo de avaliação psicológica que testa a eficácia das funções de percepção, cognição, inteligência e adaptação comportamental dos sujeitos, tomadas, estas funções, num sentido restrito.

Sentido restrito quer dizer que se toma como critério de eficácia da função ou das funções em causa:

- as suas dimensões consciente e voluntária;
- as características ditas objectivas (= sensoriais) do estímulo e do seu contexto;
- a normatividade estatística dos resultados expressos em termos exclusivamente psicométricos.

Ficam por explicar os diferentes graus de sensibilidade dos sujeitos ao *risco da sua integridade pessoal* e as *peculiaridades na solução dos conflitos* – isto é, na elaboração da resposta – solicitados na globalidade da *situação Rorschach*.

A teoria de Exner chega para explicar a possi-

bilidade de inventariar as respostas mais frequentes a cada uma das manchas da prova, mas é muito curta para explicar a escolha de uma, entre o universo das respostas mais frequentes, ou, eventualmente, a *invenção de uma resposta não prevista*. Explica a *normatividade estatística*, mas não explica a *originalidade* e a *criatividade* que transgridem essa normatividade e que, apesar disso e talvez por isso, resultam em respostas perceptiva e cognitivamente adequadas.

É evidente que, no seu percurso teórico e de investigação, Exner exerceu o seu legítimo e necessário direito de optar – embora sem nunca o assumir explicitamente – por um modelo específico de explicação em psicologia.

Obviamente, esse modelo – pese embora a sua excelência – não esgota o universo da explicação em psicologia, condicionando portanto o desenho experimental e a interpretação dos resultados dos seus estudos sobre o Rorschach à validade epistémica dos seus postulados.

Considero os trabalhos do Professor Exner e da sua equipa, de um valor determinante para a compreensão do processo de elaboração da resposta não só no Rorschach, mas em todas as técnicas de avaliação psicológica e de recolha de dados em psicologia que se reclamam da metodologia projectiva.

Mas considero fundamental ter em conta, pelos motivos que vos acabo de expôr, que esses trabalhos não esgotam a explicação do processo da resposta Rorschach.

Não posso concordar com ele quando afirma que a Prova Rorschach não é uma Prova Projectiva.

Com esta afirmação, ele toma a parte pelo todo, mecanismo projectivo amplamente conhecido dos rorschachistas e dos teóricos da percepção.

A projecção existe e a Técnica das Manchas inventada pelo genial Hermann Rorschach, além de obviamente perceptiva, é, mais que isso: é, provavelmente, a prova expressiva de mais largo espectro, até hoje criada, incluindo as dimensões perceptiva e projectiva do funcionamento cognitivo humano!

À teoria perceptiva de Exner, será necessário acrescentar *uma teoria da criação da imagem e da expressividade* no processo de elaboração da resposta Rorschach.

Ao modelo experimentalista, atomístico e psi-

cométrico usado na planificação da investigação, na recolha e tratamento dos dados e na interpretação dos resultados, deveremos acrescentar o modelo clínico, estrutural e unitário, sob pena de destruímos o próprio fenómeno que queremos estudar.

Nestas circunstâncias, não admira que a única conclusão a que Exner poderia ter chegado é que a *Prova Rorschach não é projectiva!*

Existe um discurso explicativo complementar – ou talvez alternativo – ao discurso de Exner, sobre o *processo subjacente à elaboração da resposta na Prova Rorschach*.

Esse discurso tem sido desenvolvido de forma consistente por Nina Rausch de Trautenberg e Vica Shentoub, em França, e por Aronow, nos USA, bem como pelos seus colaboradores e discípulos.

Esta perspectiva teórica não pode perder-se, mesmo quando a ditadura do pragmatismo, a qualquer preço, e a pseudo-eficácia dos números parecem ditar a moda.

É certo que este discurso, ao aproximar-se do modelo de Exner, deverá ganhar em precisão na cotação da resposta Rorschach, mas sem transigir na recuperação e tratamento do seu sentido.

Ao integrar a projecção, para além da percepção, nos processos cognitivos, ampliando as possibilidades de leitura e interpretação dos dados Rorschach, consolidará a eficácia teórica e prática desta prova, como instrumento de pesquisa, de elaboração do pensamento científico e de intervenção em psicologia.

BIBLIOGRAFIA

- Exner, J. E. (1959). The influence of a chromatic and achromatic color in the Rorschach. *Journal of Projective Techniques*, 23: 418-425. Cit. in Exner, 1986.
- Exner, J. E. (1986). *The Rorschach: A Comprehensive System. Volume 1: Basic Foundations*. New York: John Wiley & Sons.
- Exner, J.E. & Martin, L.S. (1981). Responses to Card I when shown with Dd 34 eliminated. *Workshops Study N.º 279* (unpublished) Rorschachshops. Cit. in Exner, 1986.
- Frank, L.K. (1939). Projective methods for the study of personality. *Journal of Psychology*, 8: 389-413. Cit. in Exner, 1986.

Freud, S. (1894). The anxiety neurosis. In *Collected papers*, Volume 1, pp. 76-106, London: Hogarth Press, 1953. Cit. in Exner, 1986.

Freud, S. (1896). Further remarks on the defense of neuro-psychosis. In *Collected papers*, Volume 1, pp. 155-182, London: Hogarth Press, 1953. Cit. in Exner, 1986.

Freud, S. (1911). Psychoanalytic notes on an autobiographical account of a case of paranoia. In *Collected papers*, Volume 3, pp. 387-396, London: Hogarth Press, 1953. Cit. in Exner, 1986.

Morgan, C. & Murray, H.A. (1935). A method for investigating fantasies: The Thematic Apperception Test. *Archives of Neurology and Psychiatry*, 34: 289-306. Cit. in Exner, 1986.

Murray, H.A. (1938). *Explorations in Personality*. New York: Oxford University Press. Cit. in Exner, 1986.

Pichot, P. (1984). Centenaire de la Naissance d'Hermann Rorschach. *Revue de Psychologie Appliquée*, 34(1): 1-7.

Rorschach, H. (1921). *Psychodiagnostik*. Bern: Bircher (Trad. Hans Huber Verlag, 1942).

RESUMO

A partir de uma análise crítica da posição teórico-metodológica de Exner em relação à Prova Projectiva de Rorschach, o autor contesta o reducionismo psicométrico e restritivamente cognitivista do Sistema Compreensivo na utilização da referida prova, defen-

dendo a necessidade de se considerar como igualmente relevantes os factores projectivos e perceptivos na caracterização dos processos cognitivos subjacentes à leitura, tratamento e interpretação dos dados Rorschach.

ABSTRACT

Expressing a critical analysis about the Exner's theoretical and methodological point of view concerning the Rorschach Test, the author contests the reduction and the restrictive effects of the psychometric and the cognitive models on the Comprehensive System for this test. The author asserts an equal relevance for the projective and perceptive factors of the cognitive process on reading, elaborating and interpreting Rorschach's data.

RESUME

À partir d'une analyse critique de la position et théorique et méthodologique de Exner concernant l'Épreuve Projective de Rorschach, l'auteur conteste le réducionisme psychométrique et restrictivement cognitiviste du Système Compréhensif dans l'utilisation de l'épreuve, soutenant la nécessité de considérer comme pareillement pertinents les facteurs et projectifs et perceptifs dans la caractérisation des processus cognitifs sous-jacents à la lecture, traitement et interprétation des données Rorschach.